

# **Religião, biografia e conversão: escolhas religiosas e mudanças da religião**

**Reginaldo Prandi**  
Universidade de São Paulo

[Texto publicado em: *Folha de S. Paulo*, caderno especial "Busca da fé", 26 de dezembro de 1999. Republicado em: *Tempo e Presença*, São Paulo, ano 22, nº 320, págs. 34-42, março-abril de 2000]

## **I**

A religião que se professa hoje já não é aquela na qual se nasce, mas a que se escolhe. A religião que alguém elege para si hoje, escolhida de uma pluralidade em permanente expansão, também não é necessariamente mais a que seguirá amanhã. O religioso é agora um ser pouco fiel. Mais de um quarto da população adulta da região metropolitana de São Paulo professa hoje religião diferente daquela em que nasceu, são convertidos, muitos tendo experimentado sucessivas opções (Prandi, 1996).

Houve tempo em que a mudança de religião representava uma ruptura social e cultural, além de ruptura com a própria biografia, com adesão a novos valores, mudança de visão de mundo, adoção de novos modelos de conduta etc. A conversão era um drama, pessoal e familiar, representava uma mudança drástica de vida. O que significa hoje mudar de religião, quando a mudança religiosa parece não comover ninguém, como se mudar de religião fosse já um direito líquido e certo daquele que se transformou numa espécie de consumidor, consumidor religioso, como já se chamou esse converso (Pierucci, 1996)?

As mais díspares religiões, assim, surgem nas biografias dos adeptos como alternativas que se pode pôr de lado facilmente, que se pode abandonar a uma primeira experiência de insatisfação ou desafeto, a uma mínima decepção. São inesgotáveis as possibilidades de opção, intensa a competição entre elas, fraca sua capacidade de dar a última palavra. A religião de hoje é a religião da mudança rápida, da lealdade pequena, do compromisso descartável.

Mas não somente o crente muda de um credo para outro, desta para aquela igreja. As religiões mudam também e mudam muito rapidamente, muitas vezes suas transformações apontando para um outro público alvo, visando alcançar clientela anteriormente fora do alcance de sua mensagem. É verdade que a religião muda a reboque da sociedade, sobretudo no que diz respeito aos modelos de conduta que prega e valores que propaga, freqüentemente adaptando-se a transformações sociais e culturais já plenamente em curso, num esforço para não perder o trem da história, como tem ocorrido especialmente com a igreja católica (Prandi, 1975).

Hoje provavelmente muitas das mudanças contemplam não especificamente a sociedade em transformação, mas o conjunto das diferentes religiões que se oferecem como alternativas sacrais, o que significa que a religião muda para poder melhor competir com as outras crenças em termos da adesão de fiéis e não em razão de se pôr numa posição axiológica mais compatível com os avanços da sociedade, embora isso também possa ser importante e às vezes pressuposto na dinâmica do próprio mercado religioso. Posições anteriormente alcançadas, tanto no plano da filosofia religiosa como no das conseqüências políticas e de orientação na vida cotidiana, que derivam dos valores então assumidos, podem ser completamente abandonadas, com a busca de novos modelos que possam melhor apetrechar aquela religião na concorrência com as demais. Igrejas e denominações cindem-se, ampliando ainda mais a oferta, outras apresentam facetas múltiplas, mantendo a unidade institucional, mas sendo capazes de atender a demandas diferenciadas a partir de mensagens diferentes e movimentos particulares, embora gostem de advogar que a diversidade que contemplam e produzem repousam em verdades teológicas únicas.

Evidentemente, o pluralismo que motiva e reforça a diversidade religiosa não se encontra somente no âmbito dos crentes seguidores, os consumidores de religião, mas instala-se no interior da própria organização religiosa, desde tempos imemoriais, é claro. Mudanças internas da religião não significam necessariamente um perigo para a sua sobrevivência institucional, não implicam separação e ruptura. Ao contrário, quem não muda não sobrevive. Interesses vários podem então ser exercitados com maior liberdade, numa competição interna cujo sucesso se mede não pelos alcances teológicos possíveis, mas pela adesão de crentes. A própria carreira sacerdotal se vê compelida a incorporar novas habilidades, como aquelas até bem pouco mais apropriadas aos homens de negócios e mais marcadamente atributivas de artistas, ginastas e estrelas de TV, entre outras qualidades. Mesmo em religiões severamente consolidadas em termos de organização sacerdotal e obrigações hierárquicas, surgem novos horizontes de

mobilidade social baseada na capacidade pessoal de inovação e empreendimento do sacerdote. Nas grandes igrejas, muitas das quais atuando como conglomerados empresariais de acumulação econômica internacional, assim como nas religiões em que a unidade administrativa e sacerdotal é reduzida, fraca ou inexistente, como ocorre em todo o segmento afro-brasileiro, em muitas das correntes evangélicas e no conjunto das práticas esotéricas, o sucesso do líder religioso, e por conseguinte da sua religião ou modalidade religiosa, depende da sua capacidade de atrair devotos e clientes e gerar renda necessária à expansão daquela denominação.

Tanta oferta, que é crescente, depende de demanda grande e diversificada. Aquilo que se entende por religião deve contemplar necessidades, gostos e expectativas que escapam às velhas definições da religião, surgindo as mais inusitadas formas de acesso ao sagrado e sua manipulação mágica, como ocorre com muita propriedade no vasto e pouco definido universo do esoterismo.

## II

Experimentar novos sentimentos e formas da religião, contudo, não significa necessariamente mudar de religião. Não é preciso sair da religião de origem para provar da mudança religiosa. Um católico nos seus cinqüenta e poucos anos pode ter conhecido, seguindo sempre católico, muitas formas assumidas pelo catolicismo em meio século, formas que enfatizam, às vezes conflituosamente, dimensões especiais do mundo em que vive o católico, dotando-o de valores e modelos de ação orientados para esta ou aquela ênfase. Embora as verdades religiosas básicas permaneçam inalteradas, há muito espaço para mudanças, inovações, com avanços e retrocessos, e parece que são as questões subsidiárias ou acessórias que de fato chamam a atenção dos interessados em religião.

Nosso católico cinqüentão foi criado num catolicismo que rezava em latim, com o padre de costas para a assembléia, que ouvia os pecados em confissão auricular, obrigava ao jejum antes da comunhão e proibia o consumo de carne às sextas-feiras e na quaresma, cobria a cabeça das mulheres no interior dos templos (as solteiras com véu branco, as casadas e viúvas com véu preto), povoava os altares com imagens de santos, separava homens e mulheres dentro das igrejas, homens de um lado, mulheres do outro. Com o concílio Vaticano II, aberto em Roma por João XXIII, em 1962, e encerrado por Paulo VI, em 1965, com o objetivo de promover a

atualização da igreja frente ao mundo moderno, muitas mudanças foram introduzidas no catolicismo, muitas delas não diretamente alteradas por orientação oficial, mas como resultado da própria onda que alavancava a igreja para uma nova posição ritual e doutrinária, então interessada em estabelecer uma nova relação com a sociedade, fazendo-se mais presente nas questões do dia-a-dia e nas injunções sociais e políticas, uma vez que buscava exatamente, através do *aggiornamento*, recuperar a importância perdida no curso da secularização.

Entre essas modificações podemos citar: a instituição da missa rezada nas línguas vernáculas, com o padre de frente para a assembléia, usando paramentos simplificados; a abolição do púlpito, para falar do altar, no mesmo plano da assembléia, em igrejas de altares desprovidos de imagens de santos; a adoção da confissão coletiva e da comunhão em que a hóstia é levada à boca pelas mãos do próprio devoto, abolindo-se a mesa de comunhão, podendo o leigo, tanto o homem como a mulher, ajudar a administrar a eucaristia, assim como outros sacramentos; a introdução de cursos de batizado, casamento, crisma etc., como etapa formativa dos padrinhos e demais envolvidos nos ritos de passagem; o surgimento dos padres vestidos a paisana, abandonando-se a batina; a não mais separação de homens e mulheres na igreja, não cobrindo-se mais de véu a cabeça das mulheres; a perda de importância das procissões e outros ritos; a retirada do calendário litúrgico de santos muito populares, como São Jorge e Santa Bárbara; a redobrada ênfase na palavra e no compromisso moral, com o abandono definitivo do milagre, destacando-se os aspectos doutrinários em detrimento da dimensão ritual. Tudo isso veio compor uma religião muito diferente, especialmente desencantada, nem sempre palatável ao gosto dos católicos, sobretudo os mais velhos, tanto que algumas inovações duraram pouco, tendo as imagens dos santos, por exemplo, rapidamente deixado seu exílio nas sacristias para ocupar de novo seus postos nos altares. Mas as principais inovações implementadas consolidaram-se de tal modo que dificilmente um católico hoje com seus vinte ou trinta anos de idade reconheceria como sua a religião das paróquias do período imediatamente pré-conciliar.

Esta religião não estava mais sozinha no Brasil, tendo que se enfrentar, sobretudo a partir dos anos 50, com uma enormidade de concorrentes agrupados nos ramos pentecostais e afro-brasileiros, cujas denominações e variantes não pararam nunca de crescer e se expandir. O catolicismo também mudou para não perder terreno para as outras religiões, embora, pelo menos nessa etapa, tenha perdido muito de seus seguidores exatamente por mudar, deixando o católico frente a uma religião nova, na qual não é capaz de se reconhecer, impelido a novas escolhas.

A partir dessas mudanças, que visavam recuperar para o catolicismo a condição de principal interlocutor das mudanças sociais, nasce na América Latina o catolicismo da teologia da libertação e das comunidades eclesiais de base, para o qual ser cristão passou a significar ser capaz de agir militantemente na sociedade com o fim de a tornar socialmente mais justa. O bom católico é aquele que se preocupa com as condições sociais de vida dos oprimidos, é aquele que se organiza e luta em nome de Deus para suprimir os mecanismos sociais de exploração, é aquele que usa a palavra de Deus para mudar o mundo através da ação política. A assembléia da missa transmuta-se na assembléia dos cidadãos, os ritos e os sacramentos reconstituem-se em exercícios de conscientização coletiva, a religião se politiza e se desinteressa das pequenas e subjetivas causas dos indivíduos. A igreja católica se dividiu em progressistas e conservadores, num corte emblematicamente político.

Outras inovações importantes marcariam o catolicismo na segunda metade do século XX, mudando completamente sua feição no Brasil e oferecendo nova possibilidade de escolha para muitos descontentes. Com a Renovação Carismática, o catolicismo banuiu as preocupações de natureza política, recuperou a importância do indivíduo, revalorizou os sacramentos rituais, a oração e o culto mariano, instalou um culto fortemente marcado pela expansão das emoções, revigorou o milagre, recuperou a magia que processa a cura religiosa, adotou a manipulação dos efeitos mágicos e sentimentais dos dons do Espírito Santo, tão centrais na doutrina e no rito dos concorrentes evangélicos pentecostais, assumindo, inclusive, o transe, tão constitutivo do kardecismo e das religiões afro-brasileiras e fundamental entre os pentecostais na exteriorização do dom das línguas, agora marca igualmente pentecostal e católica. Os grupos carismáticos de oração repovoaram as igrejas, motivando católicos desinteressados dos catolicismos sociais e desritualizados e trazendo de volta muitos que tinham saído da religião de origem para experimentar outras modalidades religiosas (Prandi, 1997).

Em pouco tempo os reservados grupos de oração do catolicismo carismático foram ganhando espaços mais amplos e se fazendo mais visíveis. O carismatismo despontou explosivamente na mídia eletrônica através do carisma do padre-espetáculo. Se a igreja católica havia recuperado com a renovação carismática muito do espaço perdido ou a perder, o poder dos sacerdotes havia sido inequivocamente deslocado pela autoridade conquistada pelas lideranças leigas. O movimento podia assim crescer mesmo onde não encontrava apoio do pároco. Mas, antes do apagar das luzes do século XX, o catolicismo carismático sofreu nova inflexão, com o

surgimento de sacerdotes capazes de transformar a celebração da missa em grandes espetáculos de massa, com farta exploração das emoções orientadas pelo canto, dança e mesmo ginástica, numa coreografia religiosa que dá relevo especial ao corpo, num contexto ideológico já suficientemente focado no indivíduo e nas questões pessoais. A música católica alcançou as paradas de sucesso e o padre-espetáculo virou estrela de programas de televisão de elevada audiência, audiência que a presença do padre só fazia crescer. Nesse movimento pode-se imaginar o leigo voltando a ocupar seu lugar subalterno e secundário, retomando assim a igreja o controle da religião nas mãos de seus profissionais, os padres, cujo modelo agora é outro e cuja formação implica maior dedicação ao corpo e suas habilidades de expressão, como o canto e dança, e menor necessidade de aprimoramento filosófico, teológico, lingüístico e mesmo cultural, apanágio da formação dos sacerdotes católicos até bem pouco. A introdução da nova maneira católica de promover a expansão das emoções e fruição coletiva de sensações, sob a regência do padre que arrebatava multidões nas grandes missas-espetáculo, torna ocioso o uso dos dons de transe, livrando o catolicismo do constrangedor, ainda que proveitoso, empréstimo glossolálico tomado do pentecostalismo pelo movimento carismático como mecanismo de celebração emocional do sagrado. Talvez sem a necessidade de apelar ao dom sobrenatural de falar em línguas desconhecidas, o catolicismo se sinta mais catolicismo.

### III

Assim, é difícil imaginar que um católico possa, em diferentes e às vezes curtos períodos de sua vida, deixar de perceber e se contaminar com as variações que sua religião é capaz de lhe oferecer. Muitas histórias-de-vida mostram exatamente como diferentes vertentes religiosas ou versões de uma mesma religião podem se sobressair em face de diferentes momentos por que passa o indivíduo em sua trajetória, momentos que se associam a aspectos positivos ou negativos da carreira familiar e profissional, das condições de saúde, das experiências afetivas, das referências de reconhecimento social e identidade. Numa sociedade em que já é quase infindável o repertório de religiões que se oferecem à livre escolha de adeptos desejosos de respostas imediatas e simples para seus constrangimentos de vida e de soluções sobrenaturais para problemas que se imagina fora do alcance dos profissionais e instituições que lidam com as coisas deste mundo, isto é, as práticas fundadas na ciência e no pensamento laico, as histórias-de-vida mostram diferentes religiões, não raro irreconciliáveis entre si, formando um emaranhado de

caminhos, buscas e encontros que é particular para cada indivíduo, mas que nos fala muito da serventia da religião nos dias de hoje. Como podemos apreciar em algumas breves histórias a seguir relatadas, colhidas por mim ao longo de muitos anos de pesquisa de campo sobre as alternativas sacrais e mágicas.

Augusta foi criada católica e às vezes acompanhava a mãe em suas consultas a um caboclo num terreiro de umbanda. Numa das visitas passou mal e a mãe-de-santo a orientou para iniciar-se na umbanda como médium. A família não se opôs e Augusta passou a freqüentar o terreiro. Com o tempo começou a trabalhar em sessões de quimbanda, recebendo em transe um exu que acabou tornando-se bastante popular no bairro. Mas o namoro com Paulo tornou menos freqüente sua participação nas giras. Com o casamento, interrompeu completamente a atividade umbandista e voltou às missas dominicais, que, aliás, nunca deixara completamente. Passou a fazer parte de um grupo pastoral da paróquia, que cuidava de meninos de rua, e foi criando os três filhos. Com o marido passou a freqüentar a comunidade eclesial de base de seu bairro e logo estava bastante envolvida em atividades de mobilização. Seu esforço rendeu ao bairro a construção de uma creche, mas nunca se sentiu parte da liderança, preferindo fazer a tarefa miúda de ir atrás das pessoas, conversar e ajudar a preparar as reuniões, diz. Os filhos de Augusta cresceram e se engajaram no catolicismo da mãe, participando de cursos e congressos da teologia da libertação. Então o filho mais velho se casou e mudou para o interior de São Paulo. O outro filho desinteressou-se completamente da religião, mais ocupado com a carreira de engenheiro. A filha ingressou num curso de pós-graduação e passou a freqüentar um terreiro de candomblé para fazer a pesquisa de mestrado. Augusta passava por uma fase difícil, sentindo-se sozinha, agora com os filhos criados e cuidando de suas próprias vidas. Com o marido pouco falava e a comunidade eclesial estava completamente esvaziada, sendo que a maioria dos seus co-participantes tinha saído, alguns optando por grupos carismáticos de oração, outros indo à igreja só para as missas. Como na juventude, voltou a ser atormentada por desmaios e perda momentânea da consciência. Queixava-se com o padre, que brincava com ela e dizia que seu caso era o de uma boa terapia. Num dia de festa para o orixá Omulu, Augusta foi levada ao candomblé pela filha, já que poderia se distrair com a beleza da celebração. No encerramento do ritual, quando se cantava para Oxalá, os que assistiam sentados foram convidados para dançar junto com os membros do terreiro e os orixás incorporados. Augusta entrou timidamente na roda-de-santo e mal deu poucos passos: caiu no chão num transe catatônico, informe, expressivo de sua

condição. Augusta "bolou no santo". Socorrida pelo pessoal do terreiro, foi levada para dentro ainda desmaiada, coberta por um pano branco. Contou depois que Omulu era o seu orixá, desde os tempos da umbanda. Passou a freqüentar o terreiro e logo se sentiu bem melhor, tendo feito muitas amizades novas, aprendendo com dedicação as inúmeras atividades rituais, especialmente a de preparar as comidas votivas dos orixás. Seis meses depois daquela primeira visita, Augusta foi raspada para Omulu, iniciada no candomblé. Seu marido a acompanha e dizem que vai acabar sendo escolhido pelos orixás para ser um ogã do terreiro. Ele é um encanador-eletricista aposentado e está muito feliz em poder fazer todas as reparações e consertos nas instalações do terreiro. Augusta foi escolhida para ser a iabassê, a cozinheira dos deuses, e prepara ansiosamente a festa de sua investidura no cargo, quando terá como convidados especiais os filhos e os netos.

Lúcia sempre viveu numa pequena cidade do interior. Muito doente quando menina, desenganada pela medicina, foi levada pela família a dezenas de lugares, igrejas, centros, até encontrar a cura na umbanda. Fez-se mãe-de-santo e teve seu próprio terreiro por toda a vida. Dos filhos, só a acompanhava o mais novo, que tocava atabaque e a acolitava em todos os cerimoniais. O resto da família era de católicos, até que, um a um, foram todos entrando para a Congregação Cristã no Brasil, menos o marido, que continuou indo à igreja católica. Já perto dos setenta anos, Mãe Lúcia perdeu o marido e o filho caçula num acidente de carro. Cardíaca e hipertensa, foi reduzindo as atividades do terreiro e seus poucos filhos-de-santo foram procurando outros locais de culto. Os filhos e noras procuravam convencê-la a fechar o terreiro e a morar com um deles. Ela resistiu algum tempo, mas, sentindo-se fraca e sozinha, anunciou que abandonaria a umbanda e se faria batizar na igreja pentecostal dos filhos, embora preferisse ficar morando em sua casa, agora muito grande sem as atividades umbandistas. Com a ajuda da família, ela desmontou o terreiro e deu fim aos objetos rituais. Com o aluguel de parte da casa, garantiu sua independência financeira. Quando foi batizada na Congregação Cristã, os filhos promoveram uma grande festa, durante a qual Dona Lúcia não se cansava de dizer que nunca tinha se sentido tão feliz e tão perto de Deus como naquele dia. Nas semanas seguintes freqüentou a igreja com inescondível alegria e dedicação. Meses depois, faleceu repentinamente de um ataque do coração. Quando a família foi arrumar suas coisas, encontrou num pequeno quarto todos os assentamentos dos santos e muitos objetos sagrados do terreiro, que se pensava terem sido despachados.

Helena dedica hoje quase todo seu tempo ao catolicismo, mas a religião teve pequena importância na maior parte de sua vida. Embora sua família e a do marido fossem católicas, só ia à igreja para casamentos, batizados e missas de sétimo dia. Morando numa pequena cidade do interior, ela mesma casou-se na igreja e batizou os filhos, como faziam todos os demais moradores locais, ou quase todos. Às vezes ia à missa vespertina de domingo para acompanhar uma irmã mais nova que era muito católica. Mas só. Sempre cuidou da casa, do marido e dos três filhos, não tendo outra ocupação. Helena ficou viúva cedo, mas os filhos já eram suficientemente adultos para tocar os negócios da família e, quando se casaram, Helena não sabia mais em que se ocupar para preencher o tempo. Não gostava de ir muito amiúde à casa dos filhos, pouco se dando com as noras. Levada pela irmã, conheceu um grupo carismático católico de oração que se reunia todas as tardes de segunda e quinta-feira para sessões de cura. Foi recebida com carinho pelos dois líderes leigos locais, um casal com quem tinha cursado a escola secundária. Mulher de classe média, passou a se ocupar com essas tardes carismáticas e com a sessão noturna dedicada à oração e logo se transformou numa pessoa importante para o grupo. Quando a conheci, disse que estava para ter a experiência do dom das línguas e que, neste sentido, estava sendo muito ajudada pelos dois velhos amigos que reencontrara depois de tanto tempo. De fato, Helena foi agraciada com este dom do Espírito Santo e muitos outros, tendo sido encarregada de fundar um outro grupo de oração, missão que empreendeu com toda a dedicação e entusiasmo. Hoje quase não tem tempo de cuidar da casa e visita mais raramente os filhos e netos. Além de comparecer ao grupo original, tem que cuidar do seu, que se transformou num grande sucesso na vida de Helena e na da igreja local. Tornou-se grande amiga e colaboradora do pároco e organiza as grandes missas carismáticas celebradas regularmente no ginásio de esportes municipal. Só lamenta que o casal que a recebeu de volta na religião anda um pouco afastado dela, por certo enciumado de suas conquistas. Diz que sempre foi muito católica, graças a Deus.

Henrique acredita que Deus mudou sua vida. Ainda é um homem pobre, mas um pobre digno, como diz. Filho de migrantes nordestinos, teve sempre uma vida miserável, desde menino até a idade adulta. Na periferia de Diadema, onde sempre morou, conviveu com amigos e inimigos e todos eles acabaram por se perder, uns na droga ou no álcool, outros no crime. As pequenas alegrias eram passageiras e superficiais. Conformado com a sorte, trabalhava quando tinha trabalho, bebia quando tinha um trocado, juntava-se à malandragem quando precisava levantar algum dinheiro extra. Juntou-se com uma garota do bairro e construiu sua própria casa,

dois quartos sobre a laje da casa dos sogros. Com dois filhos para criar e sem emprego, Henrique juntou-se a um bando de amigos para um assalto. Depois outro e outro. Acabou preso e condenado. Na cadeia ficou doente e os remédios que lhe dava o médico da prisão, quando dava, não traziam qualquer melhora. Sua mulher o visitava regularmente, mas nem forças tinha ele para cumprir suas obrigações de marido durante as visitas íntimas. Numa noite, contra sua vontade, um companheiro de cela o levou ao culto que uma igreja pentecostal mantinha na cadeia. Foi então que ficou sabendo das coisas de que o Diabo era capaz, inclusive das doenças e desgraças de que ele faz uso para atormentar as pessoas. Aprendeu também que a única possibilidade de vencer o Diabo é juntar-se a Deus. Henrique pôs-se do lado de Deus e se curou, ficou bem de saúde. Aprendeu depois que toda a sua vida era a própria obra do Diabo e decidiu dar uma chance a Deus. Em pouco tempo foi escolhido obreiro da igreja da cadeia e parece que seu bom comportamento e seu trabalho religioso contribuíram muito para antecipar sua liberdade condicional. O pessoal da igreja o amparou fora das grades e logo arrumou emprego fixo. A mulher e a mãe o acompanharam, ingressando na sua igreja. Henrique não se cansa de dizer que agora é do bem, mas tem que estar sempre atento para as armadilhas do demônio, que nunca se cansará de lhe mandar tentações e armadilhas. Vai se sentir ainda melhor quando os sogros e os cunhados aderirem à sua fé. Sua vida agora se divide entre família, trabalho e igreja.

Maria, negra de mais de setenta anos, reside num barraco confortável numa favela localizada em terreno da Cidade Universitária, em São Paulo. Sua casa está sempre cheia de pessoas que a procuram para rezas, benzimentos e outros trabalhos espirituais. Seu único parente, um irmão, morreu faz uns dez anos e ela vive com a pensão que ele lhe deixou. Está criando um menino cujo pai, traficante, morreu baleado na porta do barraco de Maria. Maria veio do interior quando adolescente, mas foi na cidade em que nasceu que iniciou suas intensas atividades espirituais. Com doze anos de idade recebeu, no centro kardecista freqüentado pela família, muito católica, o espírito de Francisco Xavier, que anunciou ao mundo a missão de Maria: praticar a caridade, no que foi ajudada por muitas entidades que recebeu num centro de umbanda, além do kardecista. Aos dezessete anos veio para São Paulo trabalhar numa casa de família, a qual ela deixou para viver com um rapaz. Abandonada pelo companheiro depois do nascimento do filho, foi morar com o irmão solteiro. Dos quatro filhos que teve, nenhum sobreviveu e Maria dedicou-se cada vez mais à sua missão. Nunca fundou um terreiro nem teve filhos-de-santo, mas ao longo de mais de cinquenta anos, recebendo em transe muitas entidades, entre espíritos de luz,

caboclos, crianças, exus, pretos-velhos, baianos e orixás, Maria dedicou a vida à causa alheia, curando e confortando quem quer que batesse à sua porta. Depois da morte do irmão, recolheu-se definitivamente à sua casa na favela da USP, um bem-construído barraco de quarto, sala, cozinha e banheiro, herança do irmão, de onde só costuma sair uma vez por semana, todas as segundas-feiras, quando, acompanhada de uma fiel amiga, toma bem cedinho um ônibus que as leva ao bairro da Liberdade. Ali, na Igreja da Santa Cruz dos Enforcados, famosa pelo culto às almas, Maria assiste à missa, reza e acende velas pelos espíritos dos mortos. Padecendo de diabetes, passou a ter grande dificuldade de locomoção. Maria gosta de assistir aos pastores evangélicos na televisão que ganhou recentemente em agradecimento por uma cura que realizou e foi através dessa televisão que se encantou com os milagres da Igreja Universal do Reino de Deus. Passou a freqüentar esta igreja e se sente curada das dores nas pernas. Tem orgulho, inclusive, de se dizer dizimista da Igreja Universal, embora sua pensão não alcance os duzentos reais mensais. Perguntei-lhe se é verdade que virou crente e que abandonou as entidades. Ela respondeu rindo que só o pastor acredita nisso, que Deus está em todo o lugar e que muita gente precisa das entidades dela, como ela precisa da força do pastor. Neste momento chega uma vizinha dizendo que há alguém no telefone comunitário perguntando se pode ir lá no dia seguinte para uma consulta espiritual. Ela responde que amanhã é dia de ir à Igreja dos Enforcados rezar para as almas, afinal se sente muito bem das pernas para retomar as idas à Liberdade, mas que na terça-feira pode vir. Que venha cedo, pois de tarde ela tem que ir à Igreja Universal.

Pedro diz que vive doente e sem ânimo para muitas coisas que os amigos fazem com alegria. Quando pequeno, visitou com a mãe e as tias o santuário de Aparecida do Norte, em pagamento de promessa por uma cura de doença que tivera quando bebê. Tinha sete anos e ficou muito impressionado com a peregrinação, voltando lá várias vezes. Mas acabou casando-se com uma moça de família presbiteriana e não freqüentou mais a igreja católica. O primeiro filho do casal morreu aos sete anos de leucemia e Pedro associou esta idade com a sua ao visitar Aparecida. Depois de sofrer um período de depressão, acompanhado da mulher, voltou ao santuário da padroeira do Brasil, mas não se sentiu confortado e passou a freqüentar a igreja presbiteriana da mulher. Vez por outra, sozinho e anônimo, assiste ao culto em igrejas pentecostais e encontra conforto momentâneo. Desde que nasceu o segundo filho, vive em pânico com a possibilidade de o perder e não sabe se o batiza católico ou evangélico. Ele mesmo já não sabe qual é sua religião. Gosta de muitas religiões e não renega jamais a crença em Nossa

Senhora Aparecida, mas sente que falta alguma coisa. Quando entra numa igreja pentecostal, e o faz aleatoriamente ao sair do trabalho no centro de São Paulo, tem sempre a esperança de encontrar por fim o caminho que vem buscando desde menino, mas logo se sente vazio, impaciente e desolado. Diz que é como se ele precisasse de uma religião nova todos os dias, embora espere encontrar aquela que de fato possa lhe trazer paz e tranquilidade definitivamente. Diz que não se interessa por espiritismo, umbanda e candomblé, mas que está disposto a experimentar, se necessário for.

Alex diz gostar muito de religião. Já foi católico de fita de congregação, já frequentou tudo quanto é centro espírita, de umbanda e candomblé, que adora mas acha que dá muito trabalho, já foi obreiro de igreja pentecostal e tem paixão pelo budismo. Acha que no budismo encontrou a verdadeira fé, fé mesmo, como ele diz, pois nunca procurou religião por causa de probleminhas, como fazem os outros. Não come nenhum tipo de carne, pois não quer que criaturas de Deus morram para que ele viva. Gosta de meditar e pensa um dia tornar-se monge, quem sabe. Infelizmente mora muito longe do templo ao qual gostaria de pertencer e, como não tem carro, acha inviável ir semanalmente lá. Não deixa de ir de vez em quando, quando dá, especialmente quando leva algum amigo motorizado para conhecer. Acha que seria o mais feliz dos homens se abrissem um templo por perto, já que ele mesmo não pode se mudar, por causa dos compromissos com família e emprego. Enquanto Buda não vem para mais perto, Alex está frequentando um grupo católico carismático, onde tem a oportunidade de conviver com gente muito legal e verdadeira.

#### IV

Os relatos apresentados mostram que escolhas religiosas dependem muito de certos fatos da biografia de cada um, havendo momentos em que a religião parece preencher certas lacunas deixadas pela própria trajetória de vida, restabelecendo uma certa regularidade na vida cotidiana, interrompida não somente por doenças, perdas e tragédias pessoais, mas pelo próprio esgotamento de alguns ciclos vitais. Mas, como de certo modo o demonstrou María Júlia Carozzi para a sociedade Argentina (Carozzi e Frigerio, 1994), a conversão ou adesão religiosa é um processo complexo, que envolve uma primeira aproximação com a nova religião por motivo particular, não necessariamente extraordinário, e que acaba, quando acontece, envolvendo o novo seguidor por meio dos mais diferentes ardis e estratagemas. O converso não antecipa sua nova

religiosidade e, assim, sua escolha é sempre encaminhada em função de determinados aspectos da religião, em geral pragmáticos. Com o tempo vão se aprendendo as regras da religião e com elas as obrigações e vantagens do seguidor.

Mudar de religião não significa, contudo, apagar a religião anterior. Tudo indica que cada mudança agrega uma nova identidade religiosa, cujo sentido é completado na interação com a identidade religiosa anterior, à qual se pode voltar definitiva ou temporariamente, o que não é raro acontecer. Para pessoas pouco dotadas de habilidades intelectuais de interpretação do mundo, carentes de educação e cultura adquiridas formalmente e privadas de informação abrangente, uma nova religião pode significar um enriquecimento subjetivo, um ganho em repertório de avaliação da própria vida em sociedade, independentemente dos vieses e distorções que as novas concepções de mundo possam acarretar. De todo modo, a religião anterior é sempre uma marca importante que o converso costuma enfatizar quando pensa a respeito de sua própria biografia. Diferentes escolhas sucessivas podem ser pensadas como camadas, como etapas ou contingências, das quais o converso pode fazer uso para interpretar sua sorte na vida. Assim, a primeira conversão, talvez a mais difícil e dramática, parece significar também a descoberta dessas possibilidades de suposto enriquecimento subjetivo e às vezes de mudança objetiva das condições de vida, descortinando-se para o consumidor religioso outras possibilidades, outras religiões, outras crenças. Religiões que nunca foram exclusivistas, por serem subalternas, como a umbanda, o catimbó, o candomblé e suas variantes regionais, e em menor grau o kardecismo, têm representado para o católico, a religião majoritária de origem, um algo mais que se agrega à crença anterior, mas que não a anula, de modo que espíritas e afro-brasileiros continuam sendo católicos. Sua crença inicial não é substituída nem rejeitada, mas acrescentada, ampliada por outras fontes, que o dotariam de novos elementos de ajuda na sua luta pela sobrevivência. Tal simultaneidade não se verifica quando a nova religião nega a anterior, como as religiões evangélicas em sua contraposição histórica e constitutiva ao catolicismo, mas a camada religiosa anterior e a atual aparecem como uma seqüência na vida do converso em que a adesão à outra religião significa para este crente uma mudança de vida, assim como uma descoberta, uma conquista, um avanço. Na maioria dos casos, uma nova religião pode representar objetivamente mais retrocesso que avanço na vida do converso, submetendo-o a crenças que o afastam das fontes de conhecimento universal, aumentando sua dependência em relação à autoridade religiosa, sempre interessada em controlar sua vida, embotando sua consciência e fazendo-o

freqüentemente aceitar a necessidade de humilhação e espoliação pública de sua intimidade, sem contar novos compromissos financeiros que não raro é obrigado a assumir, desenhando-se um conjunto de resultados que pode reunir mais perdas do que ganhos, representando mais empobrecimento que enriquecimento. Mas o converso não se dá conta disso.

O converso só adere à religião quando ela traz alguma mudança importante para sua vida cotidiana, reordenando necessidades afetivas, sociais, familiares, carências interiores e muitas outras coisas que estão longe de se caracterizarem como motivações religiosas. Motivações estritamente religiosas também explicam conversões, mas em casos tão excepcionais e em número tão reduzido que não podem ser tomados como modelares. O modo como a religião interfere na vida do novo crente, uma vez que há comportamentos e rotinas novas que devem ser incorporadas, além de idéias, responde pela concretização da adesão. Por isso toda a religião quer demonstrar que é capaz de oferecer uma nova vida, plena de descobertas e realizações, desenvolvendo quase todas elas ritos de batismo e renascimento, devidamente acompanhados de exorcismo e outras práticas de negação da crença anterior.

Mesmo quem entra para uma religião por motivo pouco ou nada religioso, como acompanhar um parente, resolver uma pendência, encontrar uma cura, ou simplesmente por atração estética ou afetiva, logo é compelido pela religião a descobrir profundas motivações interiores de natureza existencial e transcendental, de modo que possa ser convencido de que uma força sobrenatural orienta sua inclusão num grupo que ele não escolhe, mas é escolhido. A favor do converso dos dias de hoje joga a possibilidade de que ele pode abandonar a religião a qualquer momento, embora cada versão religiosa esteja convencida, e procure convencer, de que ela é a única verdade, muitas delas ameaçando com a perdição, o castigo e o caos os que dela se desviam.

Para aprisionar os que chegam apenas em busca de pequenos favores, a religião do converso terá que oferecer muitas vantagens, algumas facilidades e, no mínimo, alguma nova maneira de o indivíduo ver-se a si mesmo e à sua condição de vida, num mundo, vale dizer, em permanente transformação, com novas e velhas necessidades e meios de superá-las. Para isso a religião também tem que mudar, diversificando suas formas e expandindo suas ofertas.

## Referências bibliográficas

- CAROZZI, María Julia y Alejandro Frigerio. Los estudios de la conversión a nuevos movimientos religiosos: perspectivas, métodos y hallazgos. *In: Frigerio y Carozzi (orgs). El estudio científico de la religión a fines del siglo XX.* Buenos Aires, CEAL, 1994.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. Liberdade de cultos na sociedade de serviços. *In: PIERUCCI, Antônio Flávio e Reginaldo Prandi. A realidade social das religiões no Brasil.* São Paulo, Hucitec, 1996.
- PRANDI, Reginaldo. *Catolicismo e família: transformação de uma ideologia.* São Paulo, Brasiliense, 1975.
- \_\_\_\_\_. Religião paga, conversão e serviço. *In: PIERUCCI, Antônio Flávio e Reginaldo Prandi. A realidade social das religiões no Brasil.* São Paulo, Hucitec, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Um sopro do Espírito: a reação conservadora do catolicismo carismático.* São Paulo, Edusp e Fapesp, 1997.